

Mister Curitiba

— Sente aqui, meu bem.

A menina ainda agarrada à bolsa do Curso Camões.

— Que bom você veio.

Ruborizada, aceitou o copo. Antes que ele botasse o gelo, bebeu dois goles.

Tantos minutos de espera, descrevendo as suas maravilhas: um dentinho torto, olho gaio, cabelo curto. Ó delícia: cicatriz de vacina no braço esquerdo. Só então pegou-lhe na mão — uma quente, uma fria.

— Venha ver.

No quarto abraçou-a de pé:

— Tão lindinha. Não sei o que... Ai, mãezinha, você aqui. Que rostinho mais... Como estou tremendo. Veja só.

A voz do outro, rouca e baixa. Ela, muito assustada, grande olho. Impossível não se repetir:

— Que felicidade. Você aqui. Esse olhinho quer me engolir. Vermelho que te quero. Ai, ai, aqui nos meus braços.

Já perdida no primeiro beijo.

— Morda a minha língua.

De repente, o bofetão na orelha, que a derrubou na cama — pode ser com força, não deixa marca.

— Ai, que é isso?

Era tarde: ligeiro a cavalgava, dominando os frágeis punhos. Na maior doçura alisou o rostinho em fogo:

— Quem é que imagina...

Olhava-o com medo de outro tabefe. Mãos trôpegas sobre a blusinha xadrez. Gania, sempre baixinho:

— Ai, ai. Não posso. Não tenho coragem.

Sacudido de tremores:

— Ai, Senhor, não mereço.

Descobriu o umbiguinho. Tapou-o mais que depressa.

— Não pode ser.

Fungava e pastava no pescoço de cisne branco.

— Você acaba comigo. Vou ter um ataque.

Enterrando as patinhas, mosca se afogando na compoteira de ambrosia:

— Não. Você me mata. Não faça isso.

Com um grito a empurrou, furioso à volta da cama. Ela interdita, sem se mexer, a blusa meio erguida. Nem piscava o verde olho arregalado.

Ele sentou-se na poltrona, imagem do desconsolo, mãos na cabeça. Bebeu alguns goles, perdido em meditação: Será que não exagero? Rompo em dó de peito, não sustento a nota. Ficando doido? Nem sei quando represento. Olhe a menina, coitadinha. Igual a qualquer outra, dois braços, duas pernas.

Enfim pendurou o paletó na cadeira. Chegou-se furtivo, ela o vigiava pelo canto do olho.

Outra vez montado na eguinha mansa. Repuxou a blusa, ela ergueu os braços. Foi aquela gritaria:

— Não é verdade. Nunca vi... Seinho tão lindo.

Entre um e outro, não sabia qual:

— Se aperto, sai leitinho? Aqui eu mato a sede. Ó broinha de fubá mimoso.

Em surdina, melhor não entendesse direito. Respirou fundo. Saltou da cama. Bebeu uns goles. Acendeu cigarrinho:

— Se não me acalmo. Você me mata.

Mão gaguejante no peito:

— Disparou, o relógio... Nunca me aconteceu.

Bem quieta, os seios empinados: bonitinha, sim, mais nada. Qual a razão do escândalo?

Prova de sua bravura, duas rodela molhadas na camisa, que estendeu sobre o paletó.

— Oh, não, piedade! Carne tão branquinha ninguém não viu.

Mordiscava a penugem douradinha da nuca:

— Ai, quem é que diz? Tua mãe sabe, sua cadelinha? Que você tem esse corpo?

De assombro o olho agora azul. Berro de fúria:

— Eu vou contar para tua mãe!

Tanto entusiasmo, livrou-se da calça. Monstro de mil máscaras, desta vez quem seria? O confessor na cela da freirinha de sete saias, a madre escutando atrás da porta? Um estropiado de guerra, a enfermeira suspensa no pescoço, aos giros vertiginosos da cadeira de rodas? O noivo, de pé no corredor, rasga em tiras a calcinha, os pais da menina assistem a novela na sala? Quem sabe o velho leão fugitivo do circo... Ela a domadora de botinha preta e chicotinho?

Zumbia no ouvido um chorrilho de meigos palavrões. Ajudado por ela, puxou-lhe a calça comprida e as meias que combinavam com a blusa. Inclinou-se para beijar o pezinho... E nunca chegou lá. Você procura uma palavra no dicionário, distrai-se com outra e mais outra, já não lembra da primeira.

Com todo o peso sentou-se nela, que gemeu:

— Não... não. Isso não.

Beijando e batendo, para cá e para lá:

— Quer apanhar, sua cadelinha?

— Ai, ai.

— Que ai, ai. Que nada.

Sacudiu-a pelo cabelinho:

— Sua puta. Me deixa louco.

Virou-a de costas, aos pinotes, com palmadas nas rijas doçuras.

Outra vez pendurado aos biquinhos rosados, girando-os de olho perdido:

— Qual o segredo do cofre? Me conte, anjo. A combinação qual é? Ah, me conte. Bem no ouvido.

Na pontinha da unha a estação de rádio clandestina, sem aviso, sai do ar. Nervosa, quase em pânico, como responder? Mais apavorada que excitada. Só de susto ela obedecia. Mas ele não achou bom.

— Assim que eu gosto. Ai, ai. Eu quero...

O chorinho de criança na roda de enjeitado:

— Mais, anjo. Mais, anjo.

Meio decepcionado, um tantinho enjoado. De ele pedir. De ela negacear — só que não sabia, a pobre.

— Não é beijo. Enfie a língua. Assim.

E irradiando a viagem entre as nuvens, que ouvisse lá embaixo.

— Ai, como é apertadinha. Me rasgou todo, sua desgraçada. Estou em carne viva. Todo esfolado. Me esvaindo em sangue. Ai, que eu morro.

Dardejando a língua no céu da boca:

— Ai, boquinha de menina de dez anos. Nunca vi outra igual.

(Só com uma não deu certo — a santíssima esposa:

— O quê? Menina de dez anos? Que menina é essa?

Testa franzida de censura:

— Como é que sabe?

— Não é isso, querida. Você não entende.

Já sentada para discutir:

— Se não conhece...

Cala-te, boca.

— ... como é que sabe?)

A menina, essa, bem que gostava.

— Apertadinha. Ai, me esmagando...

Ergueu metade do corpo:

— Veja, veja. Como é quentinho. Barbaridade... É só minha.

Mais dois tapas:

— Se você me trair, ouviu? Eu te mato. Me dá essa boca de dez aninhos.

Suspensa no ombro e calcanhar, quase desferia voo. Tão grande animação, ele esquecera de apanhar no paletó o bastão contra resfriado, o comprimido efervescente, o pozinho mágico.

— Você quer, sua putinha?

— Quero.

— O que você quer?

Acudia depressa, sem saber o quê.

— Quer tudo?

Ordenou que de joelho, rastejando, lhe tirasse a botinha.

— Agora a outra. Bem devagar. Assim. Agora a meia.

Era só exibição? Cada vez mais possesso, arrebatou-a pelas orelhas. Bateu com força, indiferente aos gemidos — não eram de gozo? Até confundiu as palavras:

— Enterre o... na minha...

Nesse instante o telefone tocou. Ele pensa: É a minha mulher. Ela descobriu. Ouviu tudo, a corruíra nanica.

Os dois em suspenso, sem piar nem bulir. Pelo toque irritado é ela. Como é que soube? Mal parava e tocava de novo. Se insiste, porque é sério. Meu pai morreu? Minha mãe atropelou... Não, minha mãe não. Uma das filhas — oh, não, meu Deus — caiu da macieira?

Reparou na menininha, o que viu? Olho branco, espumando, mordida a fronha do travesseiro. Daí a araponga louca não parou mais: